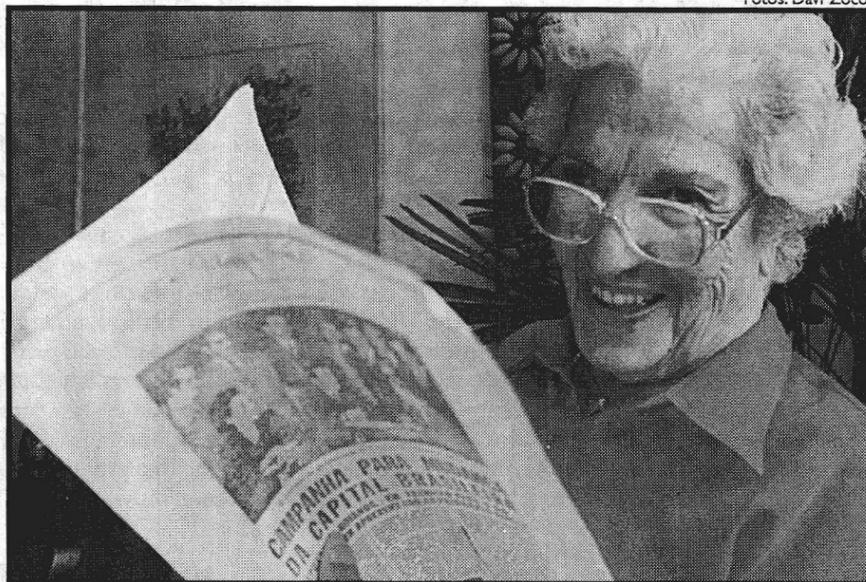




Berenice Artiaga entre colegas: deputada estadual de Goiás nos anos 50



Hoje, Berenice se orgulha de ter ajudado a transferir a capital federal

# Pela mudança da capital

Em 1951, uma mulher, pioneira na política nacional, ajudou a abrir caminho para Brasília se instalar no Planalto Central

A mobilização pela transferência da capital para o Planalto Central começou antes mesmo de Juscelino Kubitschek se eleger presidente da República. A chamada campanha mudancista, em 1951, mobilizou os goianos, e uma mulher, pioneira na política brasileira, participou de toda a movimentação. Berenice Teixeira Artiaga, à época deputada estadual de Goiás, fez parte da comissão que foi ao Rio de Janeiro, no início da década de 50, apresentar ao então presidente Getúlio Vargas a proposta da mudança.

“Nós levamos um estudo do Sindicato dos Corretores de Imóveis de Goiás provando que a venda dos lotes financiaria a mudança”, recorda Berenice, com clareza. Hoje, aos 83 anos, a ex-deputada vive na cidade que ajudou a formar, em

um confortável apartamento na 114 Sul.

Berenice se elegeu deputada estadual em 1950 pelo Partido Social Democrático — mesmo ano em que Ivete Vargas garantiu uma vaga na Câmara dos Deputados pelo Rio de Janeiro. Foram as duas primeiras mulheres a se eleger ao cargo no País. Como parlamentar, Berenice tem como maior lembrança a luta pela transferência da capital. “Eu participei da votação da Assembléia Legislativa de Goiás que doou as terras para o Distrito Federal”, destaca.

Mas não foi só isso. Ela lembra que era uma época de muita movimentação. Afinal, era necessário preparar a região para receber a capital. Como ponto mais próximo, Goiânia era a cidade-base para todos que preparavam a transferência.

Além disso, era preciso tomar providências básicas, como viabilizar a geração de energia para Brasília. “O governador José Ludovico Almeida reuniu os deputados e nos disse que ou fazíamos a usina de Cachoeira Dourada ou ficaríamos para trás”, recorda Berenice. A construção da usina foi aprovada, garantindo a luz na capital.

Hoje, a pioneira fica feliz de ver Brasília. “Acho que a cidade tem correspondido às expectativas do povo brasileiro, apesar de ter sido muito combatida no início. As pessoas resistiam a essa interiorização do País”, afirma.

Berenice foi eleita pela primeira vez aos 34 anos. E, segundo ela, esse foi um processo natural em uma família que respirava política. Seu primeiro marido, Getulino Artiaga, fez parte da

política goiana, assim como seu irmão Ozires Teixeira, que foi senador e vice-governador. Ela chegou a ser eleita para um segundo mandato. Viúva, ela voltou a se casar e deixou a política.

Dos tempos de deputada ela não se arrepende. “Eu era muito bem tratada por todos, até porque as mulheres eram muito respeitadas naquela época”, garante. A seu ver, no entanto, as mulheres poderiam aparecer mais e aproveitar melhor o caminho que ela ajudou a abrir. Mesmo assim, acha que suas colegas estão se sobressaindo, principalmente em Goiás, estado que, em sua opinião, tem as mulheres mais politizadas do País.

**NELZA CRISTINA**

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

## Da política para a literatura

João Baptista Ramos é também um pioneiro. Ele desembarcou em Brasília no dia 21 de abril de 1960 como ministro do Trabalho de Juscelino Kubitschek e por aqui ficou. Hoje, quem vê aquele senhor elegante caminhando todas as manhãs pela 114 Sul, não tem idéia de sua participação ativa na vida política brasileira.

Aos 89 anos — completa 90 em maio —, o homem que presidiu a Câmara Federal e o Tribunal de Contas da União só quer saber de escrever. A idade não o deixou menos ativo, mas o afastou da política. “A política me absorveu por 30 anos e agora estou voltando às minhas origens. Estou repetindo a proeza



João Baptista Ramos, ex-ministro do Trabalho no Governo de Juscelino Kubitschek

de 1950, quando fui redator da Folha da Manhã, em São Paulo. Nessa época, eu assinava minhas crônicas como Sancho”, afirma.

Mesmo longe da política, sua rotina é rigorosa. Acorda às 8h, faz 15 a 20 minutos de ginástica em casa e, só então, sai para camin-

har dois quilômetros. De volta a seu apartamento, lê os jornais. Às 12h, ele começa a trabalhar em seu computador — “aderi à informática aos 85 anos”. Às 14h pára para almoçar, descansa uma hora e volta ao trabalho.

O resultado de tanta disciplina são quatro livros publicados — Agostinho, o Intruso: Uma Autobiografia Disfarçada; Sem Disfarce: Memórias; Homem Novo, Imortalidade, Ciência; e Só os Santos Sabem Perdoar, este último lançado há poucas semanas, com renda em benefício da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais).

João Baptista Ramos mora há pouco tempo na 114. Quando chegou a Brasília, se instalou na 206 Sul, junto com outros 14 ministros. O apartamento, atualmente, é ocupado por sua filha. “Lá é maior e fica melhor para ela. Nós trocamos, ela foi para o meu e eu vim para o dela”, explica o escritor, que garante se sentir muito bem em Brasília. “Eu sempre me sinto bem onde estou. Aqui, me sinto em casa”, diz. O que não deixa de ser natural. Como ele destaca, chegou à cidade em 60 com a impressão de estar em um lugar que nascia. “Vim ajudar a criar. Era tudo novo, com muitos problemas, mas com a coragem de Juscelino foi possível suplantar tudo”.(N.C.)